

O primeiro membro da IBM Portugal a ter um curso de computadores

Fernando Alves Martins

Nem Professor, nem Engenheiro: tentei ser um Senhor.

Na Companhia IBM Portuguesa fui tudo: de estudante, a delegado comercial, a director de vários departamentos, a administrador-delegado e terminei em Presidente do Conselho de Administração (1958 - 1991)

Apesar de não terem sido poucos os anos em que frequentei o Instituto Superior Técnico (um) e a Faculdade de Ciências de Lisboa (seis), devo humildemente reconhecer que, de uma maneira geral, fui um fraco aluno. Com especial interesse pela Associação de Estudantes, mas dispersando-me por várias outros campos, cheguei assim ao verão de 1957, ainda longe da licenciatura, mas já a precisar de um futuro onde desenvolvesse a minha actividade.

Nessa altura, foi publicado o decreto 40.900 que pretendia, pura e simplesmente, acabar com as Associações de Estudantes. E nesse Verão fui chamado ao cumprimento do serviço militar. De Queluz, onde era a minha base, dividia o tempo entre as actividades militares – durante o dia – e, após uma saída mais ou menos conturbada, as actividades associativas, durante a noite.

Em Fevereiro fui colocado no GACA nº 1, na cidadela de Cascais. Apenas um pequeno exemplo do que era a tropa dessa altura: encontrava-me, com mais dois ou três colegas, a frequentar o curso de Meteorologia. Estávamos perto da Ericeira e pretendia-se fazer fogo antiaéreo, de barragem, a 2.500m. Lá preparámos os indispensáveis balões, lá os largámos, lá os acompanhamos pelos respectivos cronómetros e verificámos que o tecto de nuvens estava a 1.300m. Informámos o comando. Mas como os cálculos de tiro já estavam feitos para uma altitude superior, respeitou-se esta, mas nada se viu, no reventar das munições.

Entretanto, o meu tempo de tropa aproximava-se do fim. E era preciso procurar um meio de sustento...

Combinei um encontro com um amigo, que me disse que a IBM, que eu não conhecia, ia ter algumas vagas. Encontrámo-nos numa cervejaria e conversámos um bom bocado sobre a IBM, o tipo de trabalho, as hipóteses de futuro. Quando nos deixámos, passava já bastante das oito da noite ele mostrava um certa pressa, porque tinha de voltar para a IBM. Estranhei a hora a que ia voltar para o escritório, mas ele respondeu-me: *“se entrares para a IBM vais perceber, porque aquilo é tão entusiasmante que ficas lá horas infindas!”*

No dia seguinte fui à IBM. Tive uma entrevista com o Director-Geral, Sr. Sobral Dias, e com um senhor francês, o Sr. Jacques Maisonrouge, Director de Operações para a Europa do Sul. Fiz também um teste psicotécnico que “permitia avaliar o meu grau de inclinação para o trabalho que se pretendia”. Parece terem gostado. Exame médico e, dois dias depois, estava admitido.

Os primeiros tempos na IBM foram simpáticos. Conhecer toda uma série de Senhores e Senhoras que, num tom mais do que entusiasmado, me falavam das máquinas de cartões perfurados com que trabalhavam, nas “aplicações” que desenvolviam, no entusiasmo que punham em tudo o que faziam e na satisfação que sentiam quando alcançavam o resultado pretendido.

O meu entusiasmo era temperado pelo que eu ouvia quando conversava com eles e as sessões de trabalhos com cartões perfurados em que, usando uma separadora, ou uma intercaladora, ou uma tabuladora, ou qualquer outro tipo de máquina, fazia passar pelas suas “gargantas”, milhares, milhões de cartões, horas sem fim. Depois ia para casa com as mãos doridas e os braços exaustos.

Os primeiros tempos eram preenchidos por horas de máquinas com cartões perfurados e pelo estudo de manuais em inglês, em que eu não conseguia ver as operações integradas que era suposto lá estarem, mas via antes operações isoladas cujo real interesse ainda não tinha alcançado.

Passados cinco meses, disseram-me que ia frequentar um curso de computadores em Paris. Na realidade eram dois cursos, se bem que envolvendo o mesmo sistema. Um curso básico de 650, seguido de um curso avançado do mesmo computador. Só havia, então, um computador maior que o IBM 650: o IBM 704, que estava no Centro Europeu de Cálculo Científico, em Paris. O 704 era especialmente destinado a aplicações de cálculo científico, enquanto o 650 era destinado a aplicações administrativas, mas também utilizado para operações de cálculo científico.

Eu era o único empregado da IBM que ia frequentar estes cursos. Todos os outros alunos, cerca de quarenta em cada curso, eram programadores de clientes franceses, muitos já com bastantes meses de trabalho em programação. Com muito trabalho, muito estudo, muita prática na máquina do Centro de Testes, que ficava à minha disposição das 18:00 até alta noite, consegui ser o primeiro classificado dos dois cursos. Deu-me bastante prazer. Finalmente fazia alguma coisa de que me podia orgulhar. E era então o primeiro membro da IBM Portugal a ter o curso de computadores.

Com todos estes trunfos na manga, regresssei à IBM Portuguesa e ingressei na carreira de vendas, em Lisboa. E a minha vida passou a ser dedicada a estudos de aplicação de cartões perfurados à resolução dos problemas dos clientes. Cobrança de taxas da Emissora Nacional, facturação da Cidla, facturação da APT, controlo de stocks da Saponata. De computadores, nada.

Algures em 1960, o Manuel Alegria vendeu à Hidroeléctrica do Cávado um computador IBM 650, semelhante ao que eu tinha frequentado o curso em Paris. Estava-se no tempo da Barragem do Alto Rabagão, o Eng^o Correia de Sousa era o encarregado, com a sua equipa, dos cálculos da barragem e passava o tempo num vaivém entre o Porto e o Centro de Cálculo da IBM em Paris, fazendo e refazendo cálculos. Quando o estádio dos cálculos já poderia dispensar as idas constantes a Paris, a Hica decidiu encomendar um 650, para instalar no Porto.

Para assistir a Hica nas tarefas de cálculo científico, a IBM disponibilizou em engenheiro belga – o Sr. Pierre Francou. Mas a Hica foi mais longe e, já que passou a dispor de um computador capaz de auxiliar na resolução de problemas administrativos, resolveu utilizá-lo igualmente para tal fim. E pediu assistência à IBM Portuguesa!...

Entretanto, eu continuava a minha carreira de delegado comercial, em Lisboa.

Passados uns tempos, numa sexta-feira, disseram-me que um cliente do Porto havia encomendado uma IBM 650 e que eu poderia ter de ir para lá. Segunda-feira seguinte, o Dr. Januário, então director comercial da IBM, estava à minha espera para me dizer que iria ser chamado para estudar as hipóteses de uma 650, que iria ser instalada no Porto, no nosso cliente Hidroeléctrica do Cávado, pudesse realizar as aplicações administrativas. Queria apenas prevenir-me, para o caso de me falarem em eu ir instalar tal máquina, a resposta era definitivamente “não”, porque eu tinha a minha missão de vendedor em Lisboa que não poderia compatibilizar com engenheiro de sistemas no Porto.

Passados alguns minutos, o Sr. Sobral Dias, Director Geral da IBM Portuguesa, e portanto chefe directo do Dr. Januário, veio dizer-me que gostaria de me pedir se eu poderia fazer o sacrifício de ir para a Hica, no Porto, visto ser a única pessoa em Portugal que conhecia o 650.

Respondi-lhe que estávamos em 1959, que eu tinha os meus clientes em Lisboa, a quem não podia deixar sem assistência, e que não via maneira de poder responder ao serviço nos dois lados.

Ele sugeriu-me que apanhasse diariamente o avião da manhã para o Porto e regressasse no avião da tarde. “*Deixe-me pensar nisso*”, respondi-lhe eu.

Entretanto encontrei o Dr. Januário a quem disse que o administrador já me tinha proposto ir para o Porto. O Dr. Januário perguntou-me se eu já tinha respondido o tal “não”, e eu disse-lhe que tinha achado a proposta interessante. Esta minha resposta gerou uma grande guerra entre o director comercial e o administrador, o que reconheço que me deu um certo gozo.

É evidente que me daria muito prazer instalar a primeira IBM 650. Mas eu era responsável por um conjunto de clientes, em Lisboa, e não os podia abandonar.

Na IBM, a solução para problemas deste género é relativamente fácil: durante cerca de três meses e meio fui vendedor em Lisboa e, simultaneamente, engenheiro de sistemas no Porto.

A missão de Lisboa conhecia-a eu bem. A do Porto era ensinar análise e programação aos empregados dos serviços administrativos da Hica, preparar testes para as aplicações, ficheiros de dados acompanhados dos resultados esperados. Todos os dias ia no avião da tarde para o Porto, dava aulas de análise e programação e dirigia tudo o resto que se tornava necessário. Terminada a sessão da noite ia para o hotel, dormia umas quantas horas e apanhava o avião da manhã para estar junto dos meus clientes de Lisboa.

A vida na IBM é uma vida estranha, uma pessoa um dia vai para o Porto fazer uma coisa e depois volta para Lisboa fazer outra completamente diferente. Toda a vida trabalhei assim. E foram muitos os países que conheci, e muitas as áreas em que trabalhei.

Durante os três meses e meio de duração dos cursos apanhava todos os dias o avião da tarde para o Porto, dava os cursos aos formandos dos serviços administrativos da Hica, treinávamos e fazíamos testes de vários programas e preparávamos a análise das aplicações.

Nessa altura ensinei toda a programação da IBM 650, que era feita apenas em linguagem de máquina. O “Soap”, primeira linguagem simbólica, só apareceu quando eu acabei de dar o curso.

Foi uma época de trabalhar “no duro”. Depois tivemos a fase da programação e mais tarde, num famoso fim-de-semana, eu e todos os programadores fomos para Bruxelas.

É evidente que preparámos cuidadosamente, no Porto, o material que íamos levar. Sem linguagem simbólica tínhamos extensíssimas tabelas que nos permitiam testar caso a caso, sem nos desorientarmos no caminho a seguir.

Nessa sexta-feira era feriado em Bruxelas e o Centro de Cálculo de Bruxelas emprestava-nos a sua IBM 650 a partir das seis e meia da tarde de quinta-feira, e só precisavam dela às nove horas da manhã da segunda-feira seguinte. Nesse intervalo a máquina estava entregue à IBM Portuguesa para fazer os testes. Mas condição fundamental, se não tivéssemos terminado todos os testes no período que nos estava destinado, só haveria uma abertura três semanas depois...

A alegria de todos nós era evidente quando o programa “mexia” à primeira. Num ou noutro caso, lá tivemos que recorrer às tabelas, mas também aí as coisas correram bem.

Escusado será dizer que a primeira noite em que fomos dormir foi a de domingo, não sem antes termos festejado condignamente o nosso novo sucesso.

Depois vim para o Porto, já com a Hica como meu cliente.

Numa conversa há pouco o Eng. Sousa Pinto mencionou, eu falei uma vez com o Eng. Soares David e manifestei-lhe a minha preocupação de que aquele computador não tinha quase funcionamento, estava praticamente parado, só era usado algumas vezes por uns indivíduos com uns cartões. Disseram-me

para não me preocupar porque por cada bocadinho em que a máquina era utilizada, estava a ser largamente paga.

Voltando ao IBM 650, foi aqui dito que este computador tinha uma grande vantagem: ocupava só uma sala - mas esqueceram-se da sala ao lado, que era a sala do ar condicionado, muito maior do que a sala do próprio computador, porque o computador era a válvulas. E a velocidade e capacidade era diminutas quando comparadas com as de um actual PC.

Tive então mais uma preocupação, porque me casei na mesma altura em que instalámos o IBM 650 no Porto. Passados dois dias deu um problema qualquer e eu, que estava em lua-de-mel na Galiza, tive de o vir resolver acabando por lá ficar uma semana...

A Hica sempre foi para nós a precursora do cálculo científico. Mais tarde veio a Gulbenkian e outras instituições a fazer utilização de computadores.

Uma vantagem que hoje em dia tenho sobre praticamente todos os desse tempo, é que continuo a utilizar o computador dez ou doze horas por dia. Mas naquela altura utilizava as horas que podia.

Agora tenho sempre acesso a vários computadores, só PC's, numa tarefa que considero altamente meritória, relacionada com a especialidade que tirei ainda na IBM: a da utilização das tecnologias de informação para deficientes. Trabalhei no Centro Helen Keller, com deficientes visuais, na Escola Primária nº 3, em Alcoitão, com deficientes motores. Colaborei em processos para tornar a vida mais fácil aos portadores de deficiência em geral.

E ajudei a criar o primeiro dicionário electrónico para a língua portuguesa que passou a estar integrado nos nossos processadores de texto. E este dicionário foi de grande utilidade quando pretendia corrigir os textos gravados por deficientes visuais. Foram anos de grande interesse social e intelectual.

Vou agradecer ao Prof. Arantes Oliveira por uma coisa que ele não sabe que fez. Viajei muito, durante a minha carreira na IBM. Mas era quase sempre entre um Aeroporto e o escritório da IBM ou do cliente que eu melhor conhecia a trajectória. Conheço o caminho entre o aeroporto e a IBM em quase toda a parte do mundo.

Mas foi apenas na minha quinta viagem a Londres que, pela primeira vez, encontrei o Prof. Arantes Oliveira e ele me acompanhou a Piccadilly Circus, e que tive, assim, a oportunidade de conhecer um pouco da "outra" Londres.

Esta sessão traz-me recordações dos meus primórdios na IBM e nos computadores daquele tempo, visto que me sinto um pioneiro nesta área.

É uma oportunidade extremamente boa, este evento ter sido realizado agora, pois se esperássemos mais vinte anos, não encontrariam ninguém dessa primeira época. Foi portanto com um enorme prazer que participei nesta conferência, onde tive a oportunidade de rever e falar de companheiros que como eu foram pioneiros.

mem^{SI}

**MEMÓRIA DAS TECNOLOGIAS
E DOS SISTEMAS DE INFORMAÇÃO**

Recordo-me do Correia de Sousa e do Armando Paupério, entre outros, e muitas das as pessoas que estão aqui presentes, e que eu já conhecia dessa altura.

Apesar de uma maneira diferente, todos nós trabalhámos para um fim comum – ajudarmo-nos uns aos outros. E todos nós trabalhávamos para as nossas organizações, por vezes antagónicas, mas que afinal eram complementares.